

## Apresentação Dossiê: *Passaram ainda além...* dos estereótipos: questões de género na obra camoniana

Marcia Arruda Franco\* 

Filipa Araújo\*\* 

No momento em que se comemora o quinto centenário do nascimento de Luís Vaz de Camões, pretende-se estimular a discussão sobre a sua obra, dirigindo o foco para a abordagem de temas que interpelam os leitores e leitoras da atualidade.

Procurando fomentar a reflexão crítica sobre as questões de género na produção camoniana, de modo a resgatar o interesse deste valioso contributo para a história cultural do século XVI, este dossiê visa aprofundar o estudo da mentalidade que embasou a fortuna crítica e/ou poética dessas temáticas, seja na atualidade, seja em outros períodos históricos, de acordo com valores e desejos dominantes. A seleção reúne, assim, propostas de investigação que promovem o diálogo interdisciplinar, envolvendo diferentes áreas científicas como a Literatura, a História, os Estudos Culturais, os Estudos Feministas e os Estudos Homoeróticos.

Abrimos o dossiê com o tópico do homoerotismo, que traz à ribalta um aspeto menos explorado da expressão poética de Luís Vaz de Camões, mais conhecida pela efervescente atenção que dedica ao amor heterossexual. Importa, porém, não esquecer que o amor entre iguais foi encenado no seu drama pastoril e satirizado no célebre *Convite que fez a certos fidalgos em Goa*. Heliogábalo, Sardanapalo, Nero, Jacinto, os mitos de Apolo, Orfeu despedaçado, Hércules, entre outros, são personagens e *topoi* homoeróticos da História Antiga e da Mitologia citados por Camões, sugerindo a pertinência de questionar que papel representa na sua obra a imitação poética da pastorícia homoerótica renascentista na relação preceptor/pupilo. Tendo como referência a expressão da sexualidade e das conceções eróticas quinhentistas, Maria Clara Ramos Morales Crespo, no artigo intitulado “O jogo bucólico do homoerotismo camoniano na *Écloga dos Faunos*”, analisa a presença das relações homoeróticas na composição, explorando o diálogo intertextual com as raízes clássicas. Além disso, a análise identifica a dinâmica pederástica sugerida pela dedicatória ao nobre Dom António de Noronha, bem como o impacto da censura inquisitorial e o uso da mitologia como estratégia para codificar o desejo homoerótico à luz das convenções do século XVI.

---

\* Professora Doutora Livre-docente de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2301-9671>. E-mail: [mmaf@usp.br](mailto:mmaf@usp.br)

\*\* Doutorada em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), Coimbra, Portugal. Coordenadora do grupo de investigação “Camões, poesia muda e emblemática” do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos da Universidade de Coimbra (CIEC-UC), Coimbra, Portugal. Membro da Comissão Organizadora das Comemorações dos 500 anos do Nascimento de Camões na Universidade de Coimbra (UC), Coimbra, Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8772-3807>. E-mail: [medeiros.filipa@gmail.com](mailto:medeiros.filipa@gmail.com)

Segue-se um conjunto de três estudos sobre a representação de género nos textos de Camões, com o objetivo de salientar que o “peito ilustre lusitano” cantado n’*Os Lusíadas* inclui também o “peito feminino”, através da pintura de retratos femininos que desafiam os ditames normativos das convenções sociais e dão alguns sinais de uma tentativa de empoderamento. Recorde-se a intervenção política da “fermosíssima Maria”, a convicção com que a ninfa Tétis rejeita o gigante Adamastor, o poder da deusa Giganteia que difunde globalmente a gesta portuguesa, a superioridade intelectual da deusa Tétis que revela a máquina do Mundo, ou a repreensão de Orítia a Bóreas, no episódio da Tempestade (*Lus.* V, 89, 4-8). Cumpre lembrar igualmente os jogos de sedução encenados no canto IX, privilegiando uma perspetiva sobre a vivência amorosa que recorre à emulação de mitologemas, imagens e figuras antigas. É este o objeto de estudo de Daniel Batista Lima Borges, “Ecos de Eros: poder feminino e representações de género na Ilha dos Amores de *Os Lusíadas*”, que propõe uma leitura imanente do episódio, articulando os estudos de género à filosofia de Gilles Deleuze. A proposta afasta-se de interpretações alegóricas ou funcionalistas, sugerindo que o erotismo operado no poema atua como linguagem de consagração e glória, desestabilizando a lógica patriarcal da épica tradicional. Dessa maneira, o poema é interpretado como campo de tensão entre tradição e subversão, cujos ecos ressoam nas leituras contemporâneas da literatura e do poder.

Jorge Fonseca, autor do artigo “Atitudes da sociedade quinhentista perante a mulher: de Camões e do teatro popular à realidade social e étnica” analisa o discurso acerca da existência de mulheres de diferentes etnias em fontes documentais de natureza administrativa ou relatos de viagem redigidos por estrangeiros, com o objetivo de estabelecer uma comparação com a expressão dessa realidade nos textos literários do século XVI. Colhendo excertos em vários autores, desde Camões aos dramaturgos mais populares, torna-se evidente a transmissão de diferentes visões sobre as figuras femininas, recorrendo amiúde ao exagero da realidade para ampliar o efeito retórico.

Ainda no âmbito das representações de género, o contributo de Carlos Silva e Paula Almeida Mendes propõe uma reflexão a respeito de “Sedução e honra no *Auto dos Enfatriões*”. Os investigadores procuram demonstrar que essas duas categorias da masculinidade determinam a atuação das principais personagens masculinas, Feliseu e Anfatrião, que refletem a tensão entre os seus desejos e vontades e a inevitabilidade dos ideais hegemónicos de “ser homem” no século XVI. Manifesta-se, desta forma, a complexidade das estratégias de sedução num contexto marcado pela supremacia patriarcal, bem como a dificuldade de alcançar o ideal de masculinidade.

Seguem-se três artigos que incidem sobre a adaptação de figuras femininas retratadas por Camões na obra de autores contemporâneos. No estudo intitulado “O avesso do bordado – Inês de Castro, de Canto, de Manto – releitura de Camões por Fíamã Hasse Pais Brandão”, Andreiza Oliveira Lemos analisa a reconstrução da personagem camonianiana no poema “Inês de Manto”, publicado na obra *Barcas Novas* (1967). Partindo da comparação entre a representação inesiana n’*Os Lusíadas* e na poesia da autora portuguesa do século XX, destaca-se a deslocação da personagem da esfera do amor idealizado e heroico para uma perspectiva crítica e contemporânea, propondo uma ruptura com a tradição e dando protagonismo ao sofrimento da mulher sob signos materiais e simbólicos. Deste modo, comprova-se que Fíamã ensaia novas formas de representação do feminino na literatura.

De seguida, Larissa Fonseca e Silva disserta sobre “Releituras contemporâneas da Ilha dos Amores em Gonçalo M. Tavares e Yara Nakahanda Monteiro”. Dando prioridade ao tratamento de temas como o amor, o heroísmo e a recompensa utópica, mostra-se como o espaço idílico da ilha de Vênus contrasta com o desânimo do autor d’*Os Lusíadas* face à realidade que conheceu. Por conseguinte, a paisagem vívida e simbólica que Camões povoa com ninfas sensuais ressurgiu marcada pela obscuridade, no século XXI, em obras como *Uma viagem à Índia* e *Essa dama bate bué!*. As releituras denotam que a luminosidade epopeica, por um lado, ofusca as mulheres; por outro, sendo efêmera, nada pode contra as sombras do mundo. Conclui-se, enfim, que prevalece a essência adâmica da natureza humana, que tende inevitavelmente para a queda e para os desconcertos.

Dando continuidade aos exemplos de receção criativa, José Manuel Ventura apresenta-nos a sua investigação sobre “A mulher camoniana na poesia de Vasco Graça Moura”, com o intuito de evidenciar que o poeta contemporâneo aproveita e recria a fecunda matriz das composições de Luís Vaz dedicadas a diferentes facetas da representação feminina. Recorda, assim, que a lírica camoniana assimilou a tradição petrarquista, explorando a combinação de atributos herdados dos modelos peninsulares e dos códigos classicizantes no âmbito da *imitatio* renascentista, mas conseguiu fugir tanto à deificação da mulher que implica a sua redutora desumanização, quanto ao esquecimento da tópica bucólica do amor pastoril. Dando provas da reinvenção permanente do legado de Camões nos escritos de Graça Moura, destaca-se o jogo imitativo que assume um deliberado tributo ao autor das *Endechas a Bárbara*.

O dossiê encerra com o ensaio de Luis Maffei, “Camões destro, Camões sinistro: nãa mão sempre o quê? E noutra, o que mais?”. Partindo de um conjunto de textos que espelham a experiência amorosa através de imagens relacionadas com o corpo, o investigador concentra a sua atenção no simbolismo das mãos que tocam a amada, alertando para a condição paciente de um sujeito poético à mercê do erotismo de um Cupido inconstante. Deste modo, os caminhos do Amor oscilam entre as viragens à direita e à esquerda, ou seja, entre cenários de realização e os escuros labirintos da errância.

A seção *varia* inclui devida homenagem ao bicentenário do escritor Camilo Castelo Branco, com “O bacharel Salomão II, pseudónimo de Camilo Castelo Branco: nove sonetos esquecidos que visam Ramalho Ortigão e Eça de Queirós”, da filóloga Patrícia Franco, contendo a edição dos poemas inéditos, escritos sob pseudónimo, que tematizam autores da Geração de 1870. Há ainda outros três contributos que trazem propostas de análise e interpretação de lugares, personagens e regionalidade da lusografia contemporânea: “*A ilha de Circe* de Natália Correia: entre ilhas e metamorfoses”, por Ana Cabete e Isa Severino, investiga a temática da insularidade na coletânea e novela homônimas e as aproxima da literatura de outros insulares; Jose Paulo Pereira, no artigo “Mia Couto: o suplemento de origem, em *Terra Sonâmbula...*” propõe uma análise derridiana da amnésia da personagem Muidinga; e João Claudio Arendt, em “A escrita de uma história literária regional na perspectiva da Teoria dos Pontos Nodais” advoga pela autonomia histórica, geográfica e cultural da literatura regional.

Fazemos votos de que este volume possa proporcionar uma útil e agradável leitura.